

'Boa vontade não se troca por cheque'

ELIANE GAMAL
Especial para o Estado

NOVA YORK — "Ao longo destes anos o Brasil já pagou muito aos seus credores e boa vontade não se troca por cheque", declarou o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, assim que chegou para uma reunião com banqueiros e investidores norte-americanos no Conselho de Relações Exteriores, no centro de Nova York. Num rápido bate-papo com os jornalistas, minutos antes de iniciar uma exposição aos norte-americanos do novo plano econômico brasileiro, Funaro fez nova afirmação de efeito anunciando que sua própria presença nós EUA "já era uma demonstração das boas intenções brasileiras". Ele quis, com isso, rebater as críticas recebidas na semana passada, em Miami, onde os credores pediram um gesto de boa vontade do Brasil que se traduzisse no pagamento, mesmo que simbólico, de uma parte de seus débitos vencidos.

Decidido a convencer a platéia norte-americana da necessidade de alterar o mecanismo de refinanciamento internacional, o ministro Funaro enfatizou a tese brasileira de que a responsabilidade do endividamento externo pertence a credores e devedores e, segundo ele, "já existe uma reação favorável, isto é, um consenso internacional de que o problema da crise de 1982 deve ser melhor compartilhado pelas duas partes". Além disso, o ministro da Fazenda —



Funaro: estar nos EUA já demonstra as boas intenções

que depois do encontro no Conselho de Relações Exteriores, fez também uma palestra no Council of Americas, para banqueiros e investidores — afirmou que a "situação está chegando a uma fase mais madura, em que todas as partes envolvidas já aceitam sua parcela no esquema de co-responsabilidade que permitirá encontrar uma solução duradoura para a questão".

Perguntado sobre esta mesma questão, um banqueiro americano, que pediu para não ser identificado, respondeu: "Todos nós reconhecemos este problema na dívida e obviamente para dançar um tango é preciso duas pessoas. Até agora sempre dançamos juntos e temos de conti-

nuar dançando. Mas a opinião entre banqueiros é de que o Brasil tem chances de ter um progresso superior ao de outros países endividados e usar sua produção total para corresponder aos seus compromissos internos e externos", afirmou o credor, acrescentando ainda que um país com uma economia como a do Brasil tem de encontrar soluções que atendam às necessidades do povo brasileiro, e as suas responsabilidades quanto ao pagamento do serviço da dívida.

Para este banqueiro o ministro Funaro tem sido muito pessimista quanto às possibilidades de o Brasil crescer de uma forma a abastecer não somente suas demandas internas, mas também manter boas rela-

ções com bancos, indústrias e comércio externo. Além disso, ele insistiu na importância de o Brasil começar a pagar alguma coisa — ou seja, o pagamento da boa vontade discutido na reunião da semana passada em Miami. Sua reação à declaração de Funaro de que "boa vontade não se troca por cheque" foi de que o Brasil não deve optar por um enfrentamento: "O governo brasileiro espera continuar recebendo apoio de seus credores, através de novos empréstimos.

Já o ministro Funaro acha que o Brasil deveria ter recebido um tratamento diferente de seus credores, no sentido de terem encontrado mecanismos de financiamento que permitissem ao País rolar a sua dívida e ao mesmo tempo continuar mantendo seu processo de crescimento. Funaro insistiu, neste seu primeiro dia nos Estados Unidos, que o Brasil só voltará a pagar seus compromissos quando os credores tiverem um entendimento da situação. "Está na hora dos países ricos ouvirem os devedores quando sentarem para discutir a questão da dívida. Eles não podem continuar a tomar decisões simplesmente sobre como se deve comportar o problema do débito", afirmou Funaro que ainda no final da tarde teve uma reunião com representantes do Chemical Bank, Chicago First Bank, Citibank, Manufactures Hanover e Chase Manhattan para também tratar dos rumos da economia brasileira.